

CUIDADO É FUNDAMENTAL

Escola de Enfermagem Alfredo Pinto – UNIRIO

PESQUISA

DOI: 10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11755

PRÁTICAS EDUCATIVAS PARA A PREVENÇÃO DE INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA ADOLESCÊNCIA: UMA REVISÃO REALISTA

Educational practices for the prevention of sexually transmitted infections in adolescence: a realistic review
Prácticas educativas para la prevención de infecciones de transmisión sexual en la adolescencia: una revisión realista

Lucas Vinícius de Lima¹ 

Gabriel Pavinati¹ 

Daniela Bulcão Santi¹ 

Célia Maria Gomes Labegalini¹ 

Vanessa Denardi Antoniassi Baldissera¹ 

Nelly Lopes de Moraes Gil¹ 

RESUMO

Objetivo: analisar as evidências científicas acerca das práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. **Método:** foi realizada uma revisão realista, utilizada para o embasamento de práticas e políticas de intervenção em realidades sociais complexas, em fevereiro de 2022, para responder à questão norteadora: quais são as práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência? **Resultados:** foram incluídos 17 estudos, dos quais emergiu o preceito teórico: práticas dialógicas e participativas a respeito das infecções sexualmente transmissíveis, realizadas em grupo, no ambiente escolar e de longa duração favorecem a adesão à participação nas atividades educativas e são mais bem recebidas e avaliadas pelos adolescentes. **Conclusão:** a revisão realista alcançou os seus propósitos em determinar: o que, como, para quem e em quais circunstâncias determinada intervenção funciona em um contexto social.

DESCRITORES: Adolescente; Saúde do adolescente; Doenças sexualmente transmissíveis; Educação sexual; Educação em saúde.

¹ Universidade Estadual de Maringá, Maringá, Paraná, Brasil

Recebido em: 07/03/2022; Aceito em: 01/06/2022; Publicado em: 16/11/2022

Autor correspondente: Lucas Vinícius de Lima, E-mail: lv.vinicius@gmail.com

Como citar este artigo: Lima LV, Pavinati G, Santi DB, Labegalini CMG, Baldissera VDA, Gil NLM. Práticas educativas para a prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: uma revisão realista. *R Pesq Cuid Fundam* [Internet]. 2022 [acesso ano mês dia];14:e11755. Disponível em: <https://doi.org/10.9789/2175-5361.rpcfo.v14.11755>



ABSTRACT

Objective: to analyze the scientific evidence about educational practices for the prevention of sexually transmitted infections in adolescence. **Method:** a realistic review was carried out, used as a basis for intervention practices and policies in complex social realities, in February 2022, to answer the guiding question: what are the educational practices for the prevention of sexually transmitted infections in adolescence? **Results:** 17 studies were included, from which the theoretical precept emerged: dialogic and participatory practices regarding sexually transmitted infections, carried out in groups, in the school environment and on a long-term basis, favor adherence to participation in educational activities and are better received and evaluated by adolescents. **Conclusion:** the realist review achieved its purposes in determining what, how, for whom and under what circumstances a given intervention works in a social context.

DESCRIPTORS: Adolescent; Adolescent health; Sexually transmitted disease; Sex education; Health education.

RESUMEN

Objetivo: analizar la evidencia científica sobre prácticas educativas para la prevención de infecciones de transmisión sexual en la adolescencia. **Método:** se realizó una revisión realista, utilizada para sustentar prácticas y políticas de intervención en realidades sociales complejas, en febrero de 2022, para responder a la pregunta orientadora: ¿cuáles son las prácticas educativas para la prevención de las ITS en la adolescencia? **Resultados:** se incluyeron 17 estudios, de los cuales surgió el precepto teórico: las prácticas dialógicas y participativas en torno a las infecciones de transmisión sexual, realizadas en grupo, en el ámbito escolar y a largo plazo, favorecen la adherencia a la participación en las actividades educativas y son mejor recibidas y evaluadas por adolescentes. **Conclusión:** la revisión realista logró sus propósitos al determinar: qué, cómo, para quién y en qué circunstancias funciona una determinada intervención en un contexto social.

DESCRIPTORES: Adolescente; Salud del adolescente; Enfermedades de transmisión sexual; Ecuación sexual; Educación en salud.

INTRODUÇÃO

A Organização Mundial da Saúde define a adolescência como o período de 10 a 19 anos.¹ Entretanto, essa definição pode se limitar ao considerar que o desenvolvimento de valores, hábitos e comportamentos pode ser vivenciado para além dessa faixa etária.^{2,3} Esse processo leva os adolescentes a novas experiências, colocando-os em situações de risco e vulnerabilidade, dentre as quais às infecções sexualmente transmissíveis (ISTs).^{4,5}

Alguns fatores predisõem os adolescentes às ISTs, a saber: ineficácia das políticas públicas, condições socioeconômicas frágeis, diferenças de gênero, dificuldade de acesso/comunicação dos serviços de saúde, limitação profissional no tema/público, não adesão às medidas preventivas e início sexual precoce associado à fragilidade no conhecimento das ISTs e do uso correto de preservativos.^{3,6-9}

As ISTs são um dos principais problemas de saúde pública no mundo.⁹ Estima-se a ocorrência de mais de 1 milhão de novos casos diários de infecções curáveis entre pessoas de 15 a 49 anos.¹⁰ São causadas por diferentes patógenos e transmitidas principalmente por via sexual desprotegida, afetando negativamente a vida/saúde dos infectados e podendo levar à morte.¹¹

O conhecimento frágil dos adolescentes sobre o tema, por vezes permeado por tabus, indica a necessidade de ações educativas com o intuito de desmistificar o assunto¹² e promover fatores protetores.¹³ Nesse sentido, as práticas educativas emergem como um dispositivo de viabilização da promoção da saúde e prevenção de agravos, criando responsabilidade e autonomia para mudanças comportamentais.¹⁴

Posto isso, as práticas educativas se mostram relevantes para a prevenção de ISTs entre adolescentes, evidenciando um percurso a ser desvelado a fim de estimular e consolidar o conhecimento acerca das possibilidades existentes a serem implementadas nas atividades educativas junto ao público.

Assim, considerando a vulnerabilidade dos adolescentes, a persistência das ISTs como endemia global e a viabilização da prevenção de agravos pelas práticas educativas, objetivou-se analisar as evidências científicas acerca das práticas educativas para a prevenção de ISTs na adolescência.

MÉTODO

Tratou-se de uma revisão realista, abordagem de síntese de estudos qualitativos que objetiva o desenvolvimento de modelos/teorias para embasar políticas e práticas de intervenção em realidades sociais complexas, que se debruçou em identificar: o que, como, para quem e em quais circunstâncias determinada intervenção funciona em um contexto social. Foram utilizados os seis passos metodológicos próprios, conforme descrito a seguir.¹⁵

Na definição do escopo, pressupôs-se que a revisão realista evoca a ideia da intervenção (práticas educativas) em um fenômeno/processo (prevenção de ISTs) pertencente à um contexto social (adolescência).¹⁵ Assim, a questão norteadora moldou-se em: quais são as práticas educativas para a prevenção de ISTs na adolescência?

A busca de evidências foi realizada nas bases/bibliotecas: Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS), Biblioteca Virtual em Saúde do Adolescente (ADOLEC), Base de Dados em Enfermagem (BDENF) e Índice Bibliográfico

Espanhol em Ciências da Saúde (IBECS), via Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), *Current Index to Nursing and Allied Health Literature* (CINAHL), via EBSCOhost, *Web of Science* (WOS), SCOPUS (Elsevier) e *Medical Literature Analysis and Retrieval System* (MEDLINE), via PubMed.

Para sistematizar a busca, foram utilizados descritores controlados e inseridos no banco de Descritores em Ciências da Saúde (DeCS) e no *Medical Subject Headings* (MeSH), combinados aos operadores booleanos “AND” e “OR”, possibilitando a construção de estratégias de busca para cada base (Quadro 1).

Foram incluídos artigos originais de abordagem qualitativa/participativa acerca das práticas educativas para a prevenção de ISTs na adolescência e publicados nos idiomas português, inglês ou espanhol. Foram excluídas as publicações quantitativas, indisponíveis na íntegra/não gratuitas e repetidas.

A busca foi realizada por pares pelo portal de periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, de forma independente, sendo incluídos apenas os artigos selecionados por ambos os pesquisadores. Não houve divergências nesse processo.

A coleta ocorreu em fevereiro de 2022 e resultou em 7905 estudos, sendo 4780 na MEDLINE, 2739 na SCOPUS, 140 na ADOLEC, 86 na LILACS, 74 na WOS, 42 na BDNF, 38 no CINAHL e seis no IBECS. A seleção se deu pela leitura de título e/ou resumo e na íntegra.

Somou-se a essa busca estudos identificados nas referências dos estudos selecionados nas bases/bibliotecas de dados (busca reversa). Para tanto, os 242 estudos passaram pelo mesmo processo de seleção, resultando na amostra final.

Na avaliação da qualidade das evidências, analisou-se a contribuição para o modelo e a qualidade dos dados.¹⁵ A cientificidade foi inerente, visto que os artigos incluídos são de revistas indexadas e/ou classificadas pelo sistema brasileiro de avaliação.

Na extração dos dados, retirou-se as informações necessárias para a revisão realista: contexto social, práticas educativas e principais resultados. Na síntese dos achados, construiu-se o preceito teórico capaz de explicar a questão da revisão realista.¹⁵

A disseminação dos achados se deu por meio da divulgação à comunidade científica neste artigo. Por se tratar de uma investigação que não envolve seres humanos, o estudo não necessitou de apreciação do comitê de ética.

RESULTADOS

A amostra dos estudos incluídos na revisão realista foi composta por 17 artigos. O fluxograma do processo de seleção está demonstrado na Figura 1.

Os estudos foram publicados entre 2005 e 2020, sendo a maioria (n=11) publicada antes de 2017. O Quadro 2 apresenta a caracterização dos estudos incluídos.

Apenas um estudo não era brasileiro, sendo este originário da Colômbia.^{A7} A maioria (n=9) dos estudos era relato de experiência. O Quadro 3 apresenta as práticas educativas, o contexto social e os principais resultados evidenciados.

O principal contexto evidenciado foi o escolar (n=15). As práticas educativas realizadas foram: oficinas pedagógicas (n=12),^{A4-A12,A15-A17} palestras (n=4)^{A1,A2,A13,A14} e educação por pares (n=1).^{A3} Essas práticas foram realizadas por graduandos da saúde (n=10)^{A1,A2,A4,A5,A8-A10,A14,A16,A17} e em encontros periódicos (n=12).^{A4,A6-A10,A12-A17} Houve média de 64 participantes por estudo, entre 10 a 19 anos.

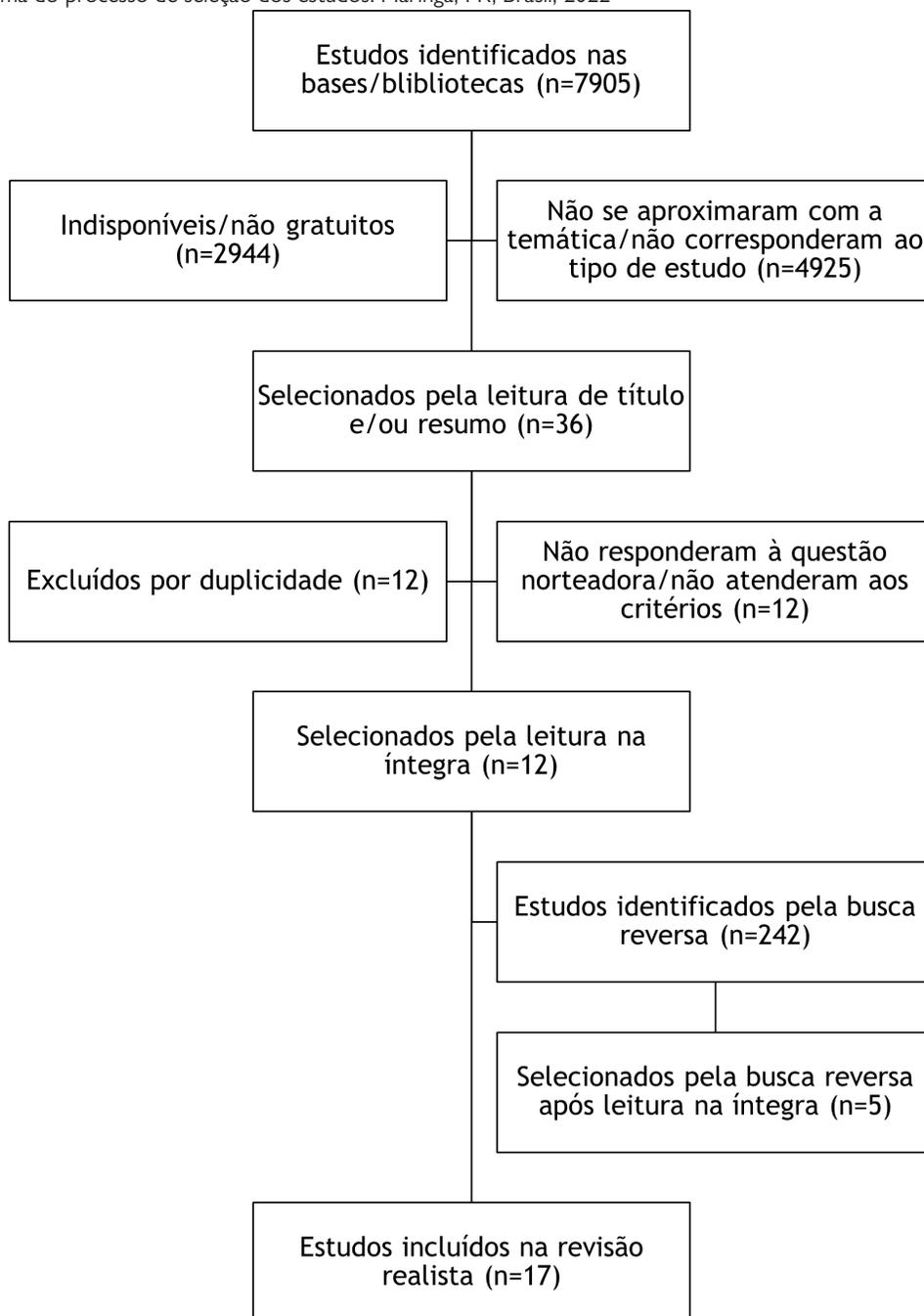
As práticas foram conduzidas com metodologias participativas e dialógicas (n=13),^{A3-A12,A15-A17} como jogos, brincadeiras, rodas de conversa, dinâmicas e outras. Os temas das atividades contemplaram, para além das ISTs, gênero/sexualidade, puberdade, projeto de vida e outros (n=17). Em dois estudos^{A2,A10} o interesse pela discussão sobre ISTs partiu do público.

Os resultados indicam que a criação de vínculo e a construção coletiva de conhecimento, bem como a percepção de protagonismo e autonomia, foram fatores que influenciaram os adolescentes na adesão à participação e na melhor receptividade/avaliação das práticas educativas sobre ISTs.

Diante da análise, emergiu o preceito teórico: práticas dialógicas e participativas a respeito das ISTs, de longa duração,

Quadro 1 – Estratégias de busca utilizadas para sistematizar a coleta nas bases/bibliotecas de dados. Maringá, PR, Brasil, 2022

Base/biblioteca de dados	Estratégia de busca
LILACS	
IBECS	(MH:(Adolescente)) OR (MH:(“Saúde do Adolescente”)) AND (MH:(“Doenças Sexualmente Transmissíveis”)) AND (MH:(“Educação Sexual”)) OR (MH:(“Educação em Saúde”))
BDNF	
ADOLEC	(Adolescente OR “Saúde do Adolescente”) [Descritor de assunto] AND (“Doenças Sexualmente Transmissíveis”) [Descritor de assunto] AND (“Educação Sexual” OR “Educação em Saúde”) [Descritor de assunto]
MEDLINE	((Adolescent[MeSH Terms]) OR (“Adolescent Health”[MeSH Terms])) AND (“Sexually Transmitted Diseases”[MeSH Terms]) AND (“Sex Education”[MeSH Terms]) OR (“Health Education”[MeSH Terms]))
WOS	ALL=(Adolescent OR “Adolescent Health”) AND ALL=(“Sexually Transmitted Disease”) AND ALL=(“Sex Education” OR “Health Education”)
SCOPUS	TITLE-ABS-KEY(Adolescent OR “Adolescent Health”) AND TITLE-ABS-KEY(“Sexually Transmitted Diseases”) AND TITLE-ABS-KEY(“Sex Education” OR “Health Education”)
CINAHL	MH(Adolescent OR “Adolescent Health”) AND MH(“Sexually Transmitted Diseases”) AND MH(“Sex Education” OR “Health Education”)

Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção dos estudos. Maringá, PR, Brasil, 2022**Quadro 2** – Caracterização dos estudos incluídos. Maringá, PR, Brasil, 2022

ID	Autor e ano	Título	Tipo de abordagem
A1	Franco et al., 2020 ⁽¹⁶⁾	Educação em saúde sexual/reprodutiva do adolescente escolar	Relato de experiência
A2	Baldoino et al., 2018 ⁽¹⁷⁾	Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência	Relato de experiência
A3	Santos et al., 2017 ⁽¹⁸⁾	Promoção da saúde sexual/reprodutiva de adolescentes: educação por pares	Descritiva-participativa
A4	Silva et al., 2011 ⁽¹⁹⁾	A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis	Relato de experiência
A5	Barbosa et al., 2010 ⁽²⁰⁾	Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/aids	Exploratória-descritiva
A6	Silveira et al., 2010 ⁽²¹⁾	Educação sexual com adolescentes: uma abordagem de pesquisa participatória na escola	Participativa

Quadro 2 – Cont.

A7	Gómez-Marín et al., 2019 ⁽²²⁾	Estrategias lúdicas para aumentar el conocimiento de un grupo de adolescentes sobre el virus del papiloma humano	Descritiva
A8	Martins et al., 2011 ⁽²³⁾	Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio	Relato de experiência
A9	Beserra et al., 2011 ⁽²⁴⁾	Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças	Exploratória
A10	Gubert et al., 2009 ⁽²⁵⁾	Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE	Pesquisa-ação
A11	Souza et al., 2007 ⁽²⁶⁾	Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes	Relato de experiência
A12	Carvalho et al., 2005 ⁽²⁷⁾	Oficina em sexualidade humana com adolescentes	Relato de experiência
A13	Nascimento et al., 2018 ⁽²⁸⁾	Um olhar para a educação em saúde com adolescentes escolares: relato de experiência	Relato de experiência
A14	Caetano et al., 2017 ⁽²⁹⁾	Educação em saúde na escola: plano de intervenção escolar para debater infecções sexualmente transmissíveis no ensino médio	Relato de experiência
A15	Caliani et al., 2008 ⁽³⁰⁾	Ações educativas com adolescentes: uma intervenção necessária	Descritiva
A16	Maheirie et al., 2005 ⁽³¹⁾	Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência	Relato de experiência
A17	Araújo et al., 2008 ⁽³²⁾	O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes	Descritiva

Quadro 3 – Contexto social, práticas educativas e principais resultados dos estudos incluídos. Maringá, PR, Brasil, 2022

ID	Contexto social	Práticas educativas	Principais resultados
A1	Escola	Palestra guiada com recurso digital e próteses	Houve interação e participação dos adolescentes. O ambiente escolar se mostrou promissor
A2	Escola	Palestra guiada com recurso digital, cartazes e próteses	A palestra sobre ISTs foi escolha dos adolescentes, havendo maior participação
A3	Domicílio, escola e comunidade	Educação por pares entre adolescentes	A proximidade do perfil proporcionou vínculo entre as partes. A escola e o domicílio foram oportunos
A4	Escola	Oficina pedagógica guiada com dinâmicas, jogos, panfletos e imagens	A conscientização se deu de modo lúdico, interativo e participativo. O número de participantes foi crescente
A5	Escola	Oficina pedagógica guiada com jogo dominó	O jogo integrou debate, informação, reflexão, influência recíproca e participação grupal
A6	Escola	Oficina pedagógica guiada pelo círculo de cultura	Houve interesse pela temática, boa receptividade e participação
A7	Escola	Oficina pedagógica guiada com vídeos, imagens, jogos e brincadeiras	O uso do lúdico foi essencial, uma vez que potencializou os processos e conectou à razão, ao afeto e à emocionalidade
A8	Escola	Oficina pedagógica guiada com desenho, pintura, imagens, jogos e gincanas	Houve aproximação entre a equipe de saúde e os adolescentes, favorecendo futuras estratégias educativas
A9	Escola	Oficina pedagógica guiada pelo círculo de cultura	O método foi efetivo e evidenciou a importância de abordar temáticas e dúvidas emergidas do sujeito
A10	Escola	Oficina pedagógica guiada pelo círculo de cultura	As tecnologias educativas foram primordiais, superando o modelo tradicional e promovendo a autonomia do sujeito
A11	Comunidade, escola e igreja	Oficina pedagógica guiada pela aprendizagem problematizadora	Houve interação mútua e afetiva entre os envolvidos. Priorizou-se o potencial da troca de experiências
A12	Escola	Oficina pedagógica guiada com dinâmicas, jogos, rodas de conversa e brincadeiras	Pôde-se reconstruir e criar significados, além de revivenciar situações e relações marcantes
A13	Escola	Palestra guiada com recursos digitais, próteses e folders	A participação proporcionou o desenvolvimento de senso crítico para tomada de consciência e adoção de condutas protetoras
A14	Escola	Ciclo de palestras guiado em aulas expositivas	A atividade foi fundamental para a criticidade e autonomia dos adolescentes
A15	Serviço de saúde	Oficina pedagógica conduzida com slides, livros e dinâmicas	Houve comunicação clara e acessível, criando vínculo para a livre expressão
A16	Organização não governamental	Oficina pedagógica guiada com dinâmicas, jogos, simulações realísticas e visitas técnicas	Os adolescentes tiveram aumento no nível de informação sobre o tema, favorecendo a adoção de práticas preventivas
A17	Escola	Oficina pedagógica conduzida com dinâmicas e dramatizações	O aprendizado, com escuta e verbalização, aumentou o pertencimento ao grupo e a atenção ao autocuidado

realizadas em grupo e no ambiente escolar favorecem a adesão à participação nas atividades educativas e são mais bem recebidas e avaliadas pelos adolescentes.

DISCUSSÃO

As ações de saúde sexual/reprodutiva têm predominado na literatura brasileira envolvendo adolescentes.³³ Aquelas com abordagem participativa e dialógica despontam, pois viabilizam o exercício da sexualidade e orientam os direitos sexuais/reprodutivos.³⁴ Assim, quanto antes forem proporcionadas, mais rápido se mudará o cenário de saúde dos adolescentes.^{35,36}

As metodologias participativas e dialógicas proporcionam discussão coletiva em um espaço de reflexão/autorreflexão,^{A4-A7} podendo diminuir a incidência das ISTs,^{A10,A11,A13,A14,A16} principalmente quando os adolescentes protagonizam seu processo educativo/cuidativo ao escolher o tema discutido.^{A2,A10,37} Destarte, educador e educando aprendem juntos, ressaltando a educação emancipatória.¹⁴

Os temas abordados devem corresponder aos aspectos biopsicossociais que influenciam no comportamento sexual.^{A1,A2,A4,A8,A11,A14,A15} Contudo, em 2019, o Governo brasileiro promulgou a Lei nº 13.798, instituindo a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência, que objetiva disseminar informações para reduzir a incidência da gravidez precoce.³⁸

A campanha “Tudo Tem Seu Tempo: Adolescência Primeiro, Gravidez Depois” versou sobre os efeitos da gravidez indesejada e não mencionou o uso de contraceptivos, aludindo uma política de abstinência sexual na qual a prevenção da gravidez deva consistir no não início sexual, ao invés da adoção de condutas protetoras.^{39,40}

Embora se pense que a abstinência sexual previna a gravidez e as ISTs na adolescência,^{39,40} programas com esse enfoque têm se mostrado ineficazes em retardar o início sexual e reduzir as taxas de gravidez precoce.³⁹ Por outro lado, ações com temas abrangentes parecem reduzir esses indicadores.^{39,40}

Há, portanto, um cenário de retrocesso no país no qual a gravidez se consolidou como um problema de saúde pública cuja solução consiste no autocontrole sexual. Tal estratégia não abarca a complexidade da transição para a vida adulta, bem como os influentes na adesão dos jovens às medidas preventivas.⁴¹

Sabe-se que as estratégias se concentram em adolescentes mais velhos, geralmente com vida sexual ativa.⁴² Contudo, ações com os mais novos podem ser mais efetivas ao preparar a adoção de condutas protetoras no futuro.⁴² Nesse contexto, por abranger diferentes grupos etários, a escola é imprescindível para a educação sexual/reprodutiva,^{A1,8} principalmente quando se emprega metodologias participativas e dialógicas.⁴³

Assim como as escolas, a família parece influenciar na aquisição de conhecimentos,⁴⁴ desvelando um trajeto a ser aprimorado, visto que se percebe déficit na discussão da temática no domicílio por influência de crenças religiosas/culturais, conhecimento insuficiente, constrangimento e subestimação da vida sexual do filho.⁴⁵

Outrossim, a baixa utilização dos serviços de saúde sugere barreiras com o público.⁴⁶ Os adolescentes têm acesso aos serviços,⁴⁷ reforçando a necessidade de grupos de jovens para vinculação, interação e aprendizado no serviço.^{48,49} Assim, os profissionais podem atuar como educadores,^{34,49,50} melhorando a eficácia dos programas preventivos.^{40,49}

Cumprir destacar que a periodicidade dos encontros favorece a criação de um ambiente agradável e o estabelecimento de vínculo entre educador e educando, estimulando a adesão às intervenções^{A15,A17} e melhorando a receptividade/avaliação pelos adolescentes.^{A1,A4,A5,A15,A17}

Ademais, a realização de abordagens grupais parecem ser mais eficazes e oportunas.^{A4-A12,A15-A17} A construção coletiva de conhecimento a partir da troca de experiências considera os adolescentes como construtores de sua educação, e não apenas mero depósito de saberes.¹⁴

Pontua-se que a maioria dos estudos foi publicada antes de 2017, sugerindo escassez de pesquisas recentes que descrevam práticas educativas sobre ISTs com adolescentes, como possível consequência da menor discussão da temática nas campanhas governamentais atuais.

Dessa forma, os achados desta revisão podem embasar a elaboração e/ou aprimoramento de ações e políticas de educação sexual/reprodutiva com adolescentes, considerando as particularidades da fase e os aspectos do contexto no qual estão inseridos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A revisão realista alcançou os seus propósitos, sugerindo que práticas dialógicas e participativas a respeito das ISTs, de longa duração, realizadas em grupo e no ambiente escolar favorecem a adesão à participação nas atividades educativas e são mais bem recebidas e avaliadas pelos adolescentes.

Além disso, demonstrou-se a necessidade da realização constante de ações na temática, visto a diminuição de publicações evidenciada. Assim, sugere-se que essas compreendam o jovem em sua complexidade, sendo realizadas em escolas, serviços de saúde e domicílio.

Como limitações, cita-se o número restrito de estudos encontrados, impedindo a ampliação das discussões para fora das escolas. Ademais, suscita-se a realização de pesquisas embasadas pelo modelo proposto nesta revisão, avaliando sua aplicabilidade e eficácia.

REFERÊNCIAS

1. World Health Organization (WHO). Adolescent Friendly Health Services – An Agenda for Change. [Internet]. 2003 [cited 2022 jan 30]. Available from: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/67923>.
2. Sawyer SM, Azzopardi PS, Wickremarathne D, Patton GC. The age of adolescence. *Lancet Child Adolesc Health*.

- [Internet]. 2018 [cited 2022 jan 30];2(3). Available from: [https://doi.org/10.1016/S2352-4642\(18\)30022-1](https://doi.org/10.1016/S2352-4642(18)30022-1).
3. Oliveira PS, Abud ACF, Inagaki ADM, Alves JAB, Matos KF. Vulnerabilidade de adolescentes às infecções sexualmente transmissíveis na atenção primária. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2018 [acesso em 10 de janeiro 2022];12(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i3a24120p753-762-2018>.
 4. Ferreira VT, Santos JV, Carvalho AR, Miranda JPL. Vulnerabilidade dos adolescentes do IF Sudeste MG – Campus Juiz de Fora às doenças sexualmente transmissíveis (DSTs). *Rev Multiverso*. [Internet]. 2017 [acesso em 30 de janeiro 2022];2(1). Disponível em: <http://periodicos.jf.ifsudestemg.edu.br/multiverso/article/view/91/63>.
 5. Praxedes MLS, Queiroz MVO. Efetividade de intervenções educativas sobre contracepção na adolescência: revisão sistemática da literatura. *Rev Eletr Enferm*. [Internet]. 2018 [acesso em 30 de janeiro 2022];20(57). Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v20.51274>.
 6. Nery JAC, Sousa MDG, Oliveira EF, Quaresma MV. Infecções sexualmente transmissíveis na adolescência. *Residência Pediátrica*. [Internet]. 2015 [acesso em 30 de janeiro 2022];5(3). Disponível em: <http://residenciapediatria.com.br/detalhes/170/infecoes-sexualmente-transmissiveis-na>.
 7. Almeida RAAS, Corrêa RGCF, Rolim ILTP, Hora JN, Linard AG, Coutinho NPS, et al. Conhecimento de adolescentes relacionados às doenças sexualmente transmissíveis e gravidez. *Rev Bras Enferm*. [Internet]. 2017 [acesso em 30 de janeiro 2022];70(5). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0531>.
 8. Moreira PA, Reis TS, Menezes AF, Mendes RB. HIV vulnerability among adolescents attending to public schools. *Rev Pesq Cuid Fundam Online*. [Internet]. 2019 [cited 2022 jan 30]11(4). Available from: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i4.868-872>.
 9. Carvalho GRO, Pinto RGS, Santos MS. Conhecimento sobre as infecções sexualmente transmissíveis por estudantes de escolas públicas. *Rev Adolesc Saúde (Online)*. [Internet]. 2018 [acesso em 30 de janeiro 2022];15(1). Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/portal/resource/pt/abr-763>.
 10. Rowley J, Hoorn SV, Korenromp E, Low N, Unemo M, Abu-Raddad LJ, et al. Chlamydia, gonorrhoea, trichomoniasis and syphilis: global prevalence and incidence estimates, 2016. *Bull World Health Organ*. [Internet]. 2019 [cited 2022 jan 10];97. Available from: <https://doi.org/10.2471/blt.18.228486>.
 11. Ministério da Saúde (BR). Secretaria de Vigilância em Saúde. Protocolo clínico e diretrizes terapêuticas para atenção integral às pessoas com infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) – 2020. [Internet]. Brasília: Ministério da Saúde; 2020 [acesso em 30 de janeiro de 2022]. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2015/protocolo-clinico-e-diretrizes-terapeuticas-para-atencao-integral-pessoas-com-infecoes>.
 12. Gratão BM, Santos VMA, Lima LV, Bernardo PHP, Oliveira VG, Rezende AF, et al. Prevenção de infecções sexualmente transmissíveis na adolescência: um relato de experiência. In: Praxedes MFS. *Métodos Mistos na Pesquisa em Enfermagem e Saúde 2*. [Internet]. 2. ed. Ponta Grossa: Atena Editora; 2021 [acesso em 24 de janeiro 2022];1. Disponível em: <https://www.atenaeditora.com.br/post-artigo/46537>.
 13. Soares LS, Moniz MA, Sousa DB, Sales JL, Alves YR. Lifestyle and health risks to adolescents and young people. *Rev Pesq Cuid Fundam Online*. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 01];11(4). Available from: <http://dx.doi.org/10.9789/2175-5361.2019.v11i4.1025-1030>.
 14. Freire P. *Pedagogia do oprimido*. 75. ed. Rio de Janeiro: Paz & Terra; 2019.
 15. Tractenberg L, Struchiner M. Revisão realista: uma abordagem de síntese de pesquisas para fundamentar a teorização e a prática baseada em evidências. *Ciência da Informação*. [Internet]. 2011 [acesso em 22 janeiro 2022];40(3). Disponível em: <https://doi.org/10.18225/ci.inf.v40i3.1299>.
 16. Franco MS, Barreto MTS, Carvalho JW, Silva PP, Moreira WC, Cavalcante MC, et al. Educação em saúde sexual/reprodutiva do adolescente escolar. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2020 [acesso em 01 de março 2022];14:e244493. Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963.2020.244493>.
 17. Baldoino LS, Silva SMN, Ribeiro AMN, Ribeiro EKC. Educação em saúde para adolescentes no contexto escolar: um relato de experiência. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2018 [acesso em 01 de março 2022];12(4). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/1981-8963-v12i4a230656p1161-1167-2018>.
 18. Santos MP, Farre AGMC, Bispo MS, Sousa LB, Marinho DDT. Promoção da saúde sexual/reprodutiva de adolescentes: educação por pares. *Rev Baiana Enferm*. [Internet]. 2017 [acesso em 01 de março 2022];31(3):e21505. Disponível em: <https://doi.org/10.18471/rbe.v31i3.21505>.
 19. Silva KL, Maia CC, Dias FLA, Vieira NFC, Pinheiro PNC. A educação em saúde junto aos adolescentes para a prevenção de doenças sexualmente transmissíveis. *REME Rev Min Enferm*. [Internet]. 2011 [acesso em 01 de março 2022];15(4). Disponível em: <https://www.reme.org.br/artigo/detalhes/77>.
 20. Barbosa SM, Dias FLA, Pinheiro AKB, Pinheiro PNC, Vieira NFC. Jogo educativo como estratégia de educação em saúde para adolescentes na prevenção às DST/aids. *Rev Eletr Enferm*. [Internet]. 2010 [acesso em 02 de março 2022];12(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5216/ree.v12i2.6710>.

21. Silveira A, Donaduzzi JC, Pereira AD, Neves ET. Educação sexual com adolescentes: uma abordagem de pesquisa participatória na escola. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2010 [acesso em 02 de março 2022];4(1). Disponível em: <https://doi.org/10.5205/reuol.648-5663-1-LE.0401201020>.
22. Gómez-Marín SM, Agudelo-Ramírez A, Pradilla-Serrano AS, García-Hincapié J. Estrategias lúdicas para aumentar el conocimiento de un grupo de adolescentes sobre el virus del papiloma humano. *Duazary*. [Internet]. 2019 [consultado em 2 de marzo 2022];16(2). Disponible en: <https://doi.org/10.21676/2389783X.2741>.
23. Martins CBG, Ferreira LO, Santos PRM, Sobrinho MWL, Weiss MCV, Souza SPS. Oficina sobre sexualidade na adolescência: uma experiência da equipe saúde da família com adolescentes do ensino médio. *REME Rev Min Enferm*. [Internet]. 2011 [acesso em 03 de março 2022];15(4). Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/72>.
24. Beserra EP, Torres CA, Pinheiro PNC, Alves MDS, Barroso MGT. Pedagogia freireana como método de prevenção de doenças. *Ciênc Saúde Colet*. [Internet]. 2011 [acesso em 03 de março 2022];16(Suppl.1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-81232011000700092>.
25. Gubert FA, Santos ACL, Aragão KA, Pereira DCR, Vieira NFC, Pinheiro PNC. Tecnologias educativas no contexto escolar: estratégia de educação em saúde em escola pública de Fortaleza-CE. *Rev Enferm UFPE on line*. [Internet]. 2009 [acesso em 03 de março 2022];11(1). Disponível em: <https://doi.org/10.5216/ree.v11.46914>.
26. Souza MM, Brunini S, Almeida NAM, Munari DB. Programa educativo sobre sexualidade e DST: relato de experiência com grupo de adolescentes. *Rev Bras Enferm*. [Internet]. 2007 [acesso em 03 de março 2022];60(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-71672007000100020>.
27. Carvalho AM, Rodrigues CS, Medrado KS. Oficinas em sexualidade humana com adolescentes. *Estudos de Psicologia (Natal)*. [Internet]. 2005 [acesso em 04 de março 2022];10(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2005000300006>.
28. Nascimento MJM, Silva ACF. Um olhar para a educação em saúde com adolescentes escolares: relato de experiência. *Revista Remecs*. [Internet]. 2018 [acesso em 04 de março 2022];3(4). Disponível em: <https://www.revistaremeccs.com.br/index.php/remecs/article/view/20/pdf>.
29. Caetano A, Leite SQM, Rosa CA. Educação em saúde na escola: plano de intervenção escolar para debater infecções sexualmente transmissíveis no ensino médio. *EENCI*. [Internet]. 2017 [acesso em 04 de março 2022];12(8). Disponível em: https://if.ufmt.br/eenci/artigos/Artigo_ID447/v12_n8_a2017.pdf.
30. Caliani MFCJ, Otani MAP. Ações educativas com adolescentes: uma intervenção necessária. *REME Rev Min Enferm*. [Internet]. 2008 [acesso em 05 de março 2022];12(2). Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/257>.
31. Maherie K, Urnau LC, Vavassori MB, Orlandi R, Baierle RE. Oficinas sobre sexualidade com adolescentes: um relato de experiência. *Psicol Estud*. [Internet]. 2005 [acesso em 05 de março 2022];10(3). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000300022>.
32. Araújo A, Rocha RL, Armond LC. O grupo de adolescentes na escola: a percepção dos participantes. *REME Rev Min Enferm*. [Internet]. 2008 [acesso em 05 de março 2022];12(2). Disponível em: <http://www.reme.org.br/artigo/detalhes/259>.
33. Barbian R, Schaefer R, Leal SMC, Dalla-Nora CR, Lui L, Paula CC, et al. Atenção à saúde de adolescentes no Brasil: scoping review. *Rev Latinoam Cienc Soc Niñez Juv*. [Internet]. 2020 [cited 2022 mar 10];18(3). Disponível em: <https://doi.org/10.11600/1692715x.18308>.
34. Moraes AL, Costa SCS, Silva SS, Boulhosa MF, Feitosa ES, Costa CML. O adolescente e sua sexualidade: uma abordagem em educação e saúde na escola. *Enferm Foco*. [Internet]. 2019 [acesso 05 de março 2022];10(2). Available from: <http://revista.cofen.gov.br/index.php/enfermagem/article/view/1443/536>.
35. Viero VSF, Farias JM, Ferraz F, Simões PW, Martins JA, Ceretta LB. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. *Esc Anna Nery*. [Internet]. 2015 [acesso em 05 de março 2022];19(3). Disponível em: <https://doi.org/10.5935/1414-8145.20150064>.
36. Vieira PM, Matsukura TS. Modelos de educação sexual na escola: concepções e práticas de professores do ensino fundamental da rede pública. *Rev Bras de Educ*. [Internet]. 2017 [acesso em 05 de março 2022];22(69). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782017226923>.
37. Alves IGF, Ferreira IBR, Navarro MS, Moura LR, Takeshita TM. Educação em saúde com adolescentes em situação de vulnerabilidade: relatos sobre saúde, saúde mental e uso de drogas. *Interfaces – Revista de Extensão da UFMG*. [Internet]. 2020 [acesso em 05 de março 2022];2(2). Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistainterfaces/article/view/19559/19540>.
38. BRASIL. Lei Federal nº 13.798, de 3 de janeiro de 2019. Acrescenta o art. 8º-A à Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente), para instituir a Semana Nacional de Prevenção da Gravidez na Adolescência. Portal da Legislação: Leis Ordinárias. 2019. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2019-2022/2019/Lei/L13798.htm.

39. Rabbitte M, Enriquez M. The role of policy on sexual health education in schools: review. *J Sch Nurs*. [Internet]. 2018 [cited 2022 mar 01];35(1). Available from: <https://doi.org/10.1177%2F1059840518789240>.
40. Fox AM, Himmelstein G, Khalid H, Howell EA. Funding for abstinence-only education and adolescent pregnancy prevention: does state ideology affect outcomes? *A J Public Health*. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 01];109(3). Available from: <https://doi.org/10.2105/ajph.2018.304896>.
41. Leung H, Shek DTL, Leung E, Shek EYW. Development of contextually-relevant sexuality education: lessons from a comprehensive review of adolescent sexuality education across cultures. *Int J Environ Res*. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 06];16(4). Available from: <https://doi.org/10.3390/ijerph18052555>.
42. Kemigisha E, Bruce K, Ivanova O, Leye E, Coene C, Ruzaaza GN, et al. Evaluation of a school based comprehensive sexuality education program among very young adolescents in rural Uganda. *BMC Public Health*. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 06];19:e1393. Available from: <https://doi.org/10.1186/s12889-019-7805-y>.
43. Meherali S, Rehmani M, Ali S, Lassi ZS. Interventions and strategies to improve sexual and reproductive health outcomes among adolescents living in low- and middle-income countries: a systematic review and meta-analysis. *Adolescents*. [Internet]. 2021 [cited 2022 mar 01];1(3). Available from: <https://doi.org/10.3390/adolescents1030028>.
44. Petry S, Padilha MI, Kuhnen AE, Meirelles BHS. Knowledge of nursing student on the prevention of sexually transmitted infections. *Rev Bras Enferm* [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 05];72(5). Disponível em: <https://doi.org/10.3390/adolescents1030028>.
45. Koren A. Reproductive health for teens: parents want in too. *J Sex Marital Ther*. [Internet]. 2019 [cited 2022 mar 04];45(5). Available from: <https://doi.org/10.1080/0092623X.2018.1549635>.
46. Silva RF, Engstrom EM. Atenção integral à saúde do adolescente pela Atenção Primária à Saúde no território brasileiro: uma revisão integrativa. *Interface*. [Internet]. 2020 [acesso em 05 de março 2022];24(Suppl.1):e190554B. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/Interface.190548>.
47. Martins MME, Aquino R, Pamponet ML, Pinto Junior EP, Amorim LDAF. Acesso aos serviços de atenção primária à saúde por adolescentes e jovens em um município do Estado da Bahia, Brasil. *Cad de Saúde Pública*. [Internet]. 2019 [acesso em 05 de março 2022];35(1). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00044718>.
48. Menezes ES, Kantorski LP, Couto MLO, Ramos CI. Grupo de adolescentes em serviços de saúde mental: uma ferramenta de reabilitação psicossocial. *Vínculo*. [Internet]. 2020 [acesso em 05 de março 2022];17(2). Disponível em: <http://dx.doi.org/10.32467/issn.19982-1492v17n2p118-140>.
49. Costa TRL, Marcheti MA, Teston EF, Solon S, Marques FB, Knoch M, et al. Educação em saúde e adolescência: desafios para Estratégia Saúde da Família. *Cienc Cuid Saude*. [Internet]. 2020 [acesso em 05 de março 2022];190(e55723). Disponível em: <https://doi.org/10.4025/ciencuidsaude.v19i0.55723>.
50. Fonte VRF, Spindola T, Francisco MTR, Sodré CP, André NLNO, Pinheiro CDP. Jovens universitários e o conhecimento acerca das infecções sexualmente transmissíveis. *Esc Anna Nery*. [Internet]. 2018 [acesso em 05 de março 2022];22(2). Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2177-9465-EAN-2017-0318>.